

MOURA NA ÉPOCA ROMANA
Cadernos do Museu Municipal de Moura, nº 1
1990

<i>Coordenação:</i>	Santiago Macias
<i>Textos:</i>	Jorge de Alarcão José d'Encarnação Teresa Júdice Gamito
<i>Catálogo:</i>	Conceição Lopes José d'Encarnação Santiago Macias
<i>Fotografia:</i>	António Cunha
<i>Desenhos:</i>	Carlos Rico
<i>Design gráfico:</i>	Luís Alves da Silva
<i>Fotocomposição e montagem:</i>	Associação de Defesa do Património de Mértola (Campo Arqueológico de Mértola)
<i>Impressão:</i>	Sociedade Industrial Gráfica Telles da Silva
<i>Tiragem:</i>	2.000 exemplares
<i>Depósito legal:</i>	

*Exposição de homenagem ao Dr. José Fragoso de Lima
organizada pelo Museu Municipal de Moura
(inaugurada a 25 de Novembro de 1988).*

Agradecemos

à família do Dr. Fragoso de Lima a cedência de toda a documentação pessoal,
à Escola Secundária de Moura a cedência de peças
(n.ºs 24, 25, 36, 37, 38, 39, 40 e 41 da exposição),
ao Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (M.N.A.E.)
a autorização dada para a reprodução fotográfica de peças das suas colecções
(figs. 2 a 12 e 14 a 16 do texto *O Concelho de Moura na Proto-história*,
de Teresa Júdice Gamito) e à Biblioteca Pública de Évora (B.P.E.) a autorização
concedida para a reprodução de dois desenhos do álbum de Frei Manuel do Cenáculo.

EPIGRAFIA ROMANA DE MOURA

José d'Encarnação

Por Moura se situar na margem esquerda do rio Guadiana, os achados romanos feitos no seu território têm sido estudados no âmbito da província da Bética (cf. García Iglésias 1972). Daí, por exemplo, que não se tenham incluído as sua epígrafes no catálogo das inscrições do *conventus Pacensis* (Encarnação 1984).

O avanço das investigações trouxe, porém, nos dois últimos anos, uma nova perspectiva e os participantes na mesa-redonda realizada em Bordéus (Dezembro 1988) puderam finalmente apontar como válidos outros critérios para a definição do território cuja capital se localizou em Pax Iulia, a Beja actual(1). Moura pertencerá, pois, ao *conventus Pacensis*, como -mais detidamente- afirma Jorge de Alarcão neste volume.

O primeiro investigador a inventariar sistematicamente a epigrafia romana de Moura foi Emílio Hübner (1869). Com base nos álbuns manuscritos de Frei Manuel do Cenáculo, Hübner deu conta das inscrições 2 e 5. Fragoso de Lima, tendo largamente percorrido a região, anotou, aqui e além, a presença de epígrafes. São vagas, porém, as suas referências (constitui excepção o estudo que faz da inscrição nº 6): da maior parte das peças não apresenta sequer uma descrição sumária, afirma amiúde não vislumbrar quaisquer letras, não diz para

onde os monumentos foram (2). Urge, pois, refazer uma sistemática batida de campo por todo o concelho, depois de bem estruturadas todas as informações dadas por este investigador, a fim de se obterem dados mais concretos.

A recente estada de Rafael Alfenim no Alentejo permitiu-lhe estudar as duas epígrafes publicadas no "Ficheiro Epigráfico" de 1988 (n.ºs 118 e 119, aqui incluídas sob os n.ºs 1 e 4). O texto n.º 3 encontrava-se inédito: foi o Dr. José Olívio Caeiro quem dele me deu conhecimento e o seu estudo chegou a estar previsto num trabalho conjunto para a revista "O Arqueólogo Português" (3).

Solicitou-me o Dr. Santiago Macias que, no âmbito das iniciativas programadas pelo Município local para homenagear Fragoso de Lima, eu elaborasse uma síntese acerca da epigrafia romana de Moura. Acedi de bom grado. Cedo me apercebi, porém, de que valeria a pena reestudar as epígrafes do concelho, dado que são pouco conhecidas, põem interessantes problemas de interpretação e, por outro lado, a maior parte delas - salvo as duas publicadas por Rafael Alfenim (e de que, por isso mesmo, não apresento pormenores descritivos) - carecia de revisão. E três outras permaneciam praticamente inéditas (peças n.ºs 7, 8 e 9).

Apresento, por isso, em primeiro lugar, esse catálogo epigráfico. Dar-se-á, de cada monumento, o local de achamento, o paradeiro, a descrição, dimensões, leitura e tradução, a respectiva bibliografia (que remeterá para a bibliografia final) e far-se-á breve referência à sua importância como fonte histórica. Na segunda parte, esboçarei uma síntese das informações recolhidas (4).

1. As epígrafes romanas do concelho de Moura

1

Ara funerária, de mármore do tipo Estremoz/Vila Viçosa, achada perto do Castro dos Ratinhos, freguesia de S. João Baptista, e guardada no museu municipal (N.º de inventário geral: 172/EPI 5; peça 14 do núcleo romano).

Está trabalhada nas quatro faces. Pouco resta do capitel (afeiçoado, em época posterior, para servir de pia de água benta?): tinha toros e fastígio. Do lado esquerdo do fuste, o motivo ornamental, em baixo-relevo, de 20x7,5, foi inteiramente picado; poderia ser um jarro (como sugere Rafael Alfenim) ou, de preferência, idêntico ao que ainda se vê do lado direito: dois ramos verticais, paralelos (34,5x11), que ostentam cada um duas corolas quadripétalas (diâmetro exterior=5,5). A inscrição ocupa a face anterior, num campo

epigráfico rectangular, limitado por ranhura e moldura do tipo gola directa seguida de ranhura com diagonais marcadas nos cantos. A base foi praticamente destruída na sua totalidade.

Dimensões: 68,5x24,5x18,5.

Campo epigráfico: 31,4x12,7/13,5.

D(is) . M(anibus) . S(acrum) . / ASIN(ia) . PR/ISCILLA / PAC(ensis) . C(ivis?) . R(omana?) . AN/⁵N(orum) . XXXI (triginta unius) H(ic) S(ita) E(st) / A(sinius?) . H(...?) . V(xori) . P(ientissimae) . P(onendum) . C(uravit) . / S(it) . T(ibi) . T(erra) . L(evis).

Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Asinia Priscila, pacense, cidadã romana, de trinta e um anos. Asinio H... mandou colocar à esposa modelo de piedade. Que a terra te seja leve.

Alfenim 1988, nº 118.

Como Rafael Alfenim assinalou, a família romana Asinia não está muito documentada na Península Ibérica: Hübner, no CIL II (p. 1055), regista apenas cinco exemplos e J. Vives (p. 663) queda-se pelos quatro. Uma fugaz vista de olhos por vários *corpora* epigráficos peninsulares deu-me a ideia de que não serão muitos mais os testemunhos recentemente encontrados. Só por isso o monumento detém importância. Já o cognome Priscila, de cariz bem latino, foi largamente preferido para as mulheres romanas: conhecem-se, pelo menos, perto de centena e meia de exemplos, escassos, porém, na Península (5).

Se a leitura da inscrição não oferece dúvidas, a interpretação das suas siglas põe alguns problemas, cada qual o mais interessante.

Em primeiro lugar, ao isolarmos, na l. 6, as siglas P. C. - cujo desdobramento em P(onendum) C(uravit) não oferece dúvidas -, ficamos com quatro letras: A. H. V. P. A hipótese, sugerida por Alfenim, de ver nas duas últimas a referência ao grau de parentesco seguida do habitual superlativo - *uxori pientissimae* - também se me afigura plausível. Resta, portanto, como mais lógica, a possibilidade de nas duas primeiras se esconder a identidade do dedicante, tanto mais que a sugestão de ele também ser *Asinius* não oferece dificuldades de maior: há exemplos, nomeadamente em meio de libertos, de marido e mulher estarem integrados na mesma família legal.

A segunda questão prende-se com a menção da naturalidade (l. 4). Priscila é indicada como natural de Pax lulia - o que não causará estranheza se se pensar que também Modesta (da inscrição nº 2) se individualiza como tal. O problema reside no desdobramento das siglas C. R. que vêm indicadas a seguir. O aposto *coniux rarissima*, apesar de raro (6), teria como paralelos inscrições achadas em Astorga (CIL II 2644=ILER 4505), Tarragona (CIL II 4333=ILER 4475) e

Mérida (CIL II 487=ILER 4481), mas seria mais lógica a sua colocação no final da epígrafe, entre o nome do dedicante e a fórmula final; por outro lado, não se afigura, em princípio, muito verosímil haver no mesmo texto dois qualificativos separados. Resta, portanto, pensar que as siglas C. R. se devem referir a PAC. Ora, essas siglas habitualmente significam, como Rafael Alfenim indicou, C(*ivium*) R(*omanorum*): daí as duas sugestões de interpretação que apresenta: PAC(*ensis*) C(*ivis*) R(*omana*) ou PAC(*e*) C(*ivium*) R(*omanorum*). A fórmula é diversa - torna-se difícil optar por uma ou por outra - mas o conteúdo é o mesmo. Priscila seria, portanto, uma cidadã romana de Pax Iulia ou natural da Pax Iulia "dos cidadãos romanos", o que implica a existência de uma outra Pax Iulia com diferente estatuto político-social.

Teríamos, assim, neste singelo epitáfio, a confirmação da hipótese levantada a propósito de um fragmento epigráfico de Beja (IRCP 233), onde, segundo uma proposta de Gallsterer, se poderia reconstituir a expressão *utrique senatui*, ou seja, o duúviro aí memorado teria presidido a dois senados, a duas assembleias de notáveis, uma para o estrato populacional indígena e outra para o estrato romano (cf. IRCP, 307), o que explicaria o sentido da expressão "cidade mista" usado por Estrabão (III, 2, 15) para classificar Pax Iulia, bem como a designação de *colonia civium Romanorum* aduzida por Plínio (4, 117).

A importância dessa ideia foi devidamente salientada por Jorge de Alarcão (1985, 109): "Uma seria a assembleia dos cidadãos romanos; outra, a da população indígena que Júlio César teria estabelecido na cidade". No entanto, observava, se a hipótese "não é, de maneira nenhuma, inviável", o certo é que "a epigrafia funerária pacense não permite confirmá-la", porque a onomástica das inscrições não revela "claramente, a presença de dois grupos étnica e socialmente distintos, um de cidadãos imigrantes, outro de indígenas", o que tornaria "mais crível" a existência dos dois senados. Continuando o seu raciocínio, aquele investigador apresenta duas explicações para o facto de se encontrarem "tão poucos epitáfios de cidadãos em Beja": os cidadãos possuíam *villae* no *territorium* da cidade e, por isso, seria nelas - e não nos cemitérios urbanos - que receberiam sepultura; ou talvez "tenham optado por monumentos funerários do tipo ara ou placa e estes tenham sido sistematicamente reutilizados como material de construção na cidade visigótica, árabe, medieval ou moderna". Ambas as explicações são plausíveis e creio bem que o progresso da investigação quer nas *villae* quer dentro do perímetro urbano da cidade o virá confirmar.

É, pois, nesta perspectiva que o epitáfio de Asínia assume importância histórica relevante. Trata-se, de facto, de alguém que, já pela onomástica, já pela forma como identifica a sua naturalidade, se inclui na referida categoria dos cidadãos descendentes de imigrantes.

E aqui poderíamos traçar uma nova linha de investigação, na medida em que este epitáfio parece demonstrar que aos colonos foram distribuídas terras e

que, apesar de pertencerem por direito ao núcleo populacional urbano, a sua actividade e residência habitual seriam precisamente nos lotes rurais atribuídos. No caso em apreço, a indicação da naturalidade é, simultaneamente, uma indicação de estatuto. Por esse motivo, também em relação a Modesta - que figura no epitáfio que vamos estudar a seguir - houve razões para, não obstante ter falecido na flor da idade, lhe ser assinalada no epitáfio a sua condição de "pacense", mesmo em território de Pax Iulia. Não só por esse motivo mas talvez porque, estando em zona de fronteira, aí poderia existir gente da Bética com que houvesse interesse em não se confundir.

Pela estrutura textual, o monumento deveria pertencer aos finais do século I - princípios do século II; a presença da consagração aos deuses Manes e a omissão de *praenomen* na identificação do dedicante apontam, no entanto, para a segunda metade do século II.

2

Estela decorada, certamente de mármore, achada em local incerto da freguesia de Santo Amador (7).

Dela apenas nos resta o desenho (fig.17) feito por Frei Manuel do Cenáculo, que já não a viu inteira, desenho que a mostra geometricamente concebida e trabalhada (segundo se deduz) em todas as suas faces. Tinha frontão triangular, de vértice superior cortado, com rosetas quadri-pétalas (inscritas em círculos) em cada um dos quatro vértices. A parte interna do frontão parece estar mais elevada que os bordos onde se situam as rosáceas. A meio, uma palma, vertical. Campo epigráfico moldurado (moldura de gola directa?).



Fig.17- Estela, Santo Amador (B.P.E.)

Dimensões indicadas por Frei Manuel do Cenáculo, em palmos: 3,5x2,5x0,5 - ou seja, aproximadamente, 77x55x11 cm.

MODESTA . MO/DETI FILIA / PACENSIS / ANN(orum) . XII (duodecim) /
⁵[H(ic) . S(ita) .] E(st) . T(e) . R(ogo) . P(raeteriens) . D(ic) . S(it) . / [T(ibi) . T(erra)
 . L(evis) .] MATER F(iliae) [?] / [F(aciendum) C(uravit)] [?]

Aqui jaz Modesta, filha de Modesto, pacense, de doze anos. Rogo-te, ó transeunte, que digas "Que a terra te seja leve!". A mãe mandou fazer à filha.

Altura das letras: 6? Espacos: 1: 2?; 2-6: 1?

Cenáculo (Frei Manuel do), Álbum CXXIX/1-14, da Biblioteca Pública de Évora, desenho nº 41. CIL II 970. Simões 1869, 31. ILER 3766 e p. 840. Lima 1988, 73 (com muitas gralhas na transcrição).

Variantes de leitura: na l. 5, omissão de H. S. E. (CIL, ILER, Lima), Simões não reconstitui a fórmula, só indicando o E.

A fractura ocorreu ao nível da l. 6, que será presumivelmente a penúltima do texto, se considerarmos a existência da fórmula final F(aciendum) C(uravit) centrada na l.7 seguindo um eixo de simetria, F(ecit) seria outra hipótese de interpretação (apontada por Fragoso de Lima, por exemplo) - que evitaria o pleonasma MATER/FILIAE - mas a sua ocorrência não é frequente e quase seria preferível, em vez disso, considerarmos a omissão de qualquer fórmula.

Apenas se teve de reconstituir - e sem dificuldade, devido a estarmos perante formulários correntes - o início das l. 5 e 6. A penúltima letra da l. 5 é, sem sombra de dúvida, um B, mas trata-se decerto de um lapso do lapicida (de preferência a lapso de Frei Manuel do Cenáculo) que viu B onde se grafara D. O nexu MA, da l. 6, foi devidamente assinalado.

A paginação obedeceu a um eixo de simetria. Pontuação triangular. Os caracteres são actuários.

A defunta vem identificada com um só nome, de origem latina, igual de resto, ao do seu pai, que vem mencionado a seguir. *Modestus* é cognome latino que cedo foi adoptado pelos indígenas peninsulares, sendo, por exemplo, várias vezes atestada a sua presença na epigrafia romana do Nordeste alentejano (vide índices de IRCP, 868). De particular interesse se reveste a referência expressa à naturalidade - *pacensis* - porque não são muitos os pacenses registados noutras localidades (cf. IRCP, 775 n. 2). Poder-se-á inferir daí que o actual território de Moura não estava integrado no termo da romana Pax Iulia? Assim, de facto, se poderia entender. No entanto, além do que já acima se disse em relação a Priscila, nada nos impede também de atribuir ao adjectivo apenas a conotação de "natural da cidade de Pax Iulia", em oposição a quem proviesse

da área rural da cidade. Essa interpretação encontraria um argumento suplementar nas características tipológicas do monumento muito mais urbanas que rurais.

De qualquer modo, é patente em toda a epígrafe uma boa aculturação, quer do ponto de vista formal (o motivo da palma, por exemplo, como símbolo da vitória sobre a morte) quer no que ao formulário diz respeito: note-se que, na epigrafia do *conventus Pacensis*, apenas se regista um exemplo da utilização da súplica *te rogo praeteriens dic sit tibi terra levis*, em Elvas (IRCP 583), e que, no conjunto das epígrafes inventariadas no CIL II, essa menção não atinge as duas dezenas de casos (cf. índices, p. 1178).

Pela forma como a defunta está identificada e atendendo ao esquema formal adoptado, a epígrafe deve situar-se na segunda metade do séc. I da nossa era.

3

Estela funerária, de grauaque, recolhida na propriedade designada Montes Juntos, herdade dos Machados, freguesia de Santo Agostinho. Encontrava-se junto de uma dependência do monte, para onde foi transportada depois de uma lavra em terreno anexo. Desconhece-se o eventual contexto arqueológico em que se inseria. Trouxe-a João Francisco da Mouca, em 1969, para o edifício da biblioteca, integrando hoje o núcleo romano do museu municipal (nº 69, nº 206/EPI 9 do inventário geral).

De forma quase rectangular, foi irregularmente aplanada. Toda a superfície apresenta os riscos da relha.

Dimensões: 178x56x~20.

Campo epigráfico: 35x40.

CAENO / ALEONI/CVS . H(ic) . S(itus) . E(st)

Aqui jaz Cenão Aleónico.

Altura das letras: l. 1: 6,5; l. 2: 7,5; l. 3: 7/8. Espaços 1: 33; 2 e 3: 1; 4: 122,5.

Paginação com alinhamento à esquerda. Pontuação em forma de hífen. Caracteres do tipo capital quadrada, desiguais, porém, na inclinação (apesar de se notar uma tendência geral para a direita); A, C e V bem abertos, E de barras curtas, O circular. A rugosidade do suporte dificultou a gravação. No final da l. 1, o desgaste deixou o O menos perceptível.

De extrema simplicidade, o texto apresenta uma originalidade: a identificação

da personagem mediante dois cognomes indígenas (em vez de um nome e filiação): *Caeno* e *Aleonicus*. *Caeno* é antropónimo de origem pré-romana cuja ocorrência se verifica, de modo particular, na área lusitana (Siles 1980, 36-39); no *conventus Pacensis*, apenas se regista numa estela, contemporânea desta e de contexto formal muito semelhante, nos arredores de Évora (IRCP 403). *Aleonicus* deverá relacionar-se, por seu turno, com *Aleonica*, de Sória (ILER 4908), com o genitivo *Aleonis*, de Idanha-a-Velha (8) ou com a divindade indígena *Vestio Alioneco*, de Lourizán (ILER 949 e 950); sendo frequente a utilização de *e* por *i* (9), todos estes vocábulos poderão pertencer ao mesmo radical; para *Alionicus*, M. L. Albertos (10) sugeriu, na esteira de Pokorny, uma relação com vocábulos de raiz indoeuropeia cujo significado seria "outro". São pistas etimológicas que poderão ter algum interesse para a futura investigação.

Fica, portanto, documentada com esta epígrafe a coexistência, no território hoje integrado no concelho de Moura, de uma população indígena com outra população vinda de fora (inscrições 1 e 2).

A simplicidade do texto e a paleografia (designadamente a perfeita circularidade do O) inclinam-nos a datá-lo dos começos do Império.

4

Árula funerária, de mármore de Trigaches, achada na cidade de Moura, no prolongamento da Rua da República (actual Rua das Terçarias de Moura), em recolha de superfície, a 23 de Março de 1984, por João Francisco da Mouca, junto ao edifício chamado dos Quartéis. Integra a colecção do museu municipal (Nº de inventário geral: 173/EPI 5; peça 15 do núcleo romano).

Inusitadamente estreita, está rudemente trabalhada nas quatro faces. Completa, apresenta, porém, escoriações laterais, que fizeram desaparecer algumas letras. A face superior é lisa. A inscrição ocupa toda a face dianteira, incluindo as molduras do capitel e da base.

Dimensões: 47,7x26,5x11.

D(is) M(anibus) S(acrum) / COMARI/VS POS(ui) ME/MORIAM /s [C]ONIVGI .
ME/AE SILVINE / [QV]IS [sic] PERVIXS(it) / [M]ECV<M> ANNOS / [X]XV . SIT
TI(bi) / [T]E[RR]A [LEVIS]

Consagrado aos deuses Manes. Eu, Comário, pus esta memória à minha mulher, Silvina, que comigo viveu durante vinte e cinco anos. Que a terra te seja leve.

Alfenim 1988, nº 119.

Cá está um outro documento a atestar a presença de gente que, pela onomástica que ostenta, é alheia à Península Ibérica: *Comarius*, como Rafael Alfenim sublinhou, não se regista na Hispânia, é nome raro, só atestado no norte da Península Itálica; e o feminino *Silvina*, a damos fé aos índices das ILER (p. 750), não parece ter-se documentado na Península (11).

Apesar do aspecto gráfico pouco cuidado do monumento e do lapso de concordância - *quis por quae* -, o texto usado reveste-se de bastante interesse, pela cultura literária que quer deixar transparecer.

Em primeiro lugar, o uso da primeira pessoa, que é extremamente raro em epigrafia: no conjunto dos cerca de quatrocentos epitáfios do *conventus Pacensis*, apenas uma vez se regista o pronome *meae*, numa terna dedicatória feita pelo netinho à avó falecida com oitenta anos; mas, mesmo assim, o verbo encontra-se na terceira pessoa, *posuit* (IRCP 219, Tróia).

Em segundo lugar, a referência não à idade com que faleceu mas ao tempo durante o qual viveram em comunhão conjugal. No conjunto do CIL II, há sete exemplos dessa fórmula (p. 1193) e procede precisamente de Pax Iulia um outro testemunho (deveras cativante, aliás): Oriclão erige o monumento funerário de sua mulher “modelo de piedade, com quem viveu em comum quarenta e dois anos e um mês” (IRCP 259). A expressão aqui usada é “*communes annos*”, de que ainda não encontrei paralelo, e a ternura conjugal vai ao ponto de se indicar “...e um mês”! Na inscrição de *Silvina*, esse toque de ternura está patente na utilização (rara) do verbo *pervivere*: como quem diz, não foi uma vida qualquer, foi uma vivência intensa - e um rasgo de esperança, de “continuar a viver”, *dimana*, de facto, do inusitado da fórmula.

A circunstância de marido e mulher apenas serem identificados com um nome e o halo de afectividade que envolve o epitáfio levaram Rafael Alfenim a pôr a hipótese de estarmos perante um casal de libertos.

Atendendo ao formulário e à paleografia, será monumento da segunda metade do século II.

5

Identificada por Frei Manuel do Cenáculo no monte da “horta” da Carrasca, freguesia de S. Pedro de Sobral da Adiça, esta pedra - que desenhou (fig. 18) - é apresentada “como um pé de púlpito”, com três palmos de largura e de comprimido por um palmo de espessura (ou seja, grosso modo, 66x66x22 cm).

O desenho mostra, efectivamente, uma base de coluna. O fuste assentaria no círculo central - em cuja metade inferior se manteve parte do texto duma

inscrição romana - rodeado de uma decoração geométrica, radiada, vegetalista, em baixo-relevo. Trata-se, pois, do aproveitamento medieval - quiçá visigótico - de eventual ara funerária romana.

D(is) . M(anibus) . S(acrum) . / [P]OMPEIA. DA[P]HINE / [VIX(it)] [?][A]NN(is)
X[...] / [...]

Consagrado aos deuses Manes. (Aqui jaz) Pompeia Dafine. Viveu ... anos...

Cenáculo (Frei Manuel do), álbuns manuscritos da Biblioteca Pública de Évora: CXXIX/1-13, p. XXXV f. 1 e p. XXXIV f. 1; CXXIX/1-14, nº 28. CIL II 93. IRCP, p. 295 (referência).

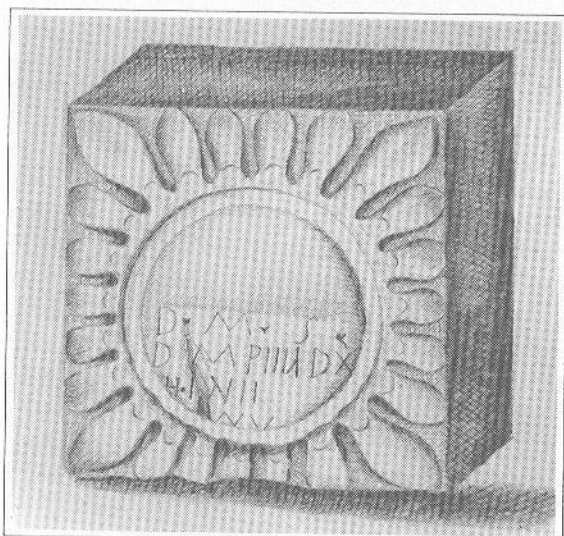


Fig. 18- Ara funerária (?),
Sobral da Adiça (B.P.E.)

Variantes de leitura: o texto ainda não fora interpretado.

Parece-me reconstituível o gentílico proposto: o D que figura no desenho resultará do corte efectuado para fazer o círculo; o E está grafado com dois II, como na l. 3. A seguir, o desenho nº 28 traz claramente DX, enquanto que, nos outros dois manuscritos, aparece Y sobreelevado: julgo tratar-se efectivamente de um A porque já o A anterior tem a forma de Λ , o que também não admira se se pensar que estaremos, muito provavelmente, em presença de um cognome de origem grega: *Daphine*, que se regista em Estói, perto de Faro (IRCP 19). No manuscrito 1-13, há nitidamente as metades superiores dos dois NN seguidos da metade superior do X (como, aliás, Hübner transcreve); tratando-se da indicação da idade, poderá esta ter sido precedida de VIX(it), como proponho, uma vez que haveria espaço para tal. O epitáfio, além das fórmulas finais - H. S. E. S. T. T. L. -, poderia trazer a identificação do dedicante.

A paginação parece ter obedecido a um eixo de simetria. Pontuação triangular. Caracteres actuários, estando as hastes da direita do M, do N e do A superiormente prolongadas para além do vértice.

É falível, evidentemente, uma reconstituição baseada apenas num desenho, mesmo que ele nos ofereça as garantias de rigor de que se revestem habitualmente os esboços de Frei Manuel do Cenáculo. Não poderemos, por isso, utilizar o texto como argumento válido de uma demonstração. Contudo, seja-me permitido assinalar que a onomástica aqui presente se enquadra bem na onomástica da epigrafia funerária do *conventus Pacensis* e, mesmo, de Pax lulia: um gentílico "clássico" (*Pompeius*) e um cognome de origem grega - a indiciar, portanto, a identificação de uma liberta. Estou a recordar a cupa de Pompeia Exoche (IRCP 65), de Portimão, onde os EE de ambos os antropónimos estão também rafados com dois II...

Pela presença da invocação aos deuses Manes, é monumento posterior à segunda metade do séc. I da nossa era.

6

Parte inferior de uma ara funerária, de mármore, encontrada por Fragoso de Lima, na Herdade da Tapada, freguesia de Santo Agostinho, a 2 de Janeiro de 1939. Está guardada no museu municipal (Nº de inventário geral: 207/EPI 10; peça 70 do núcleo romano).

Está trabalhada nas quatro faces. A inscrição ocupa, na face dianteira, um campo epigráfico limitado lateralmente por colunelos rudes, em baixo-relevo, de base desigual: alargada a do da esquerda, terminando em fino plinto a da direita. No entanto, no final da actual l. 2, a derradeira letra foi grafada fora e a última linha do texto já está para além das bases das pilastras.

O monumento ostenta, na face lateral esquerda do fuste, em baixo-relevo, um jarro (22x10,5), para a direita: boca em forma de bico, asa curta, bojo periforme, pé trapezoidal. Do lado direito, em baixo-relevo também, uma pátera (diâmetro exterior=10,3, comprimento=25,5), de cabo para baixo com canelura central; está ladeada, junto ao arranque do cabo, por duas rosetas quadripétalas de botão central (3,3 e 4,8 cm de diâmetro cada uma, respectivamente).

A molduração da base é constituída por filete reverso seguido de bocel reverso e garganta encestada.

Dimensões: 71,5x34,3/47x15/26.

Campo epigráfico: 23x22.

[D(is) M(anibus) S(acrum)] / [...] / [...] / [Q]VE VIXIT / ⁵ANNIS XXXX

(quadraginta) / MARITVS / PONIT / H(ic) S(ita) S(it) T(erra) L(evis)

Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz ..., que viveu quarenta anos. O marido coloca (esta memória). Que a terra seja leve.

Altura das letras: l. 4: 3,4; l. 5 e 6: 3; l. 7: 3,3; l. 8: 3/4. Espaços: 5: 1,5; 6: 2; 7: 1,5; 8: 1; 9: 6.

Lima 1947, 2-9. Lima 1988, 87-97.

Na paginação, pouco cuidada, terá havido tendência para se seguir um eixo de simetria. Não se observa qualquer tipo de pontuação. Os caracteres, actuários, estão, de um modo geral, inclinados para a direita: o A é “coroadado” com um segmento vertical semelhante l, e o mesmo acontece no primeiro vértice do N; as hastes da direita do M prolongam-se para cima do vértice; R aberto; barra do T a denotar obliquidade; l de vértices sublinhados por barras também; S bem inclinado para diante.

Nas linhas faltantes, decerto três, estaria a invocação aos deuses Manes e a identificação da defunta, como é habitual em epígrafes deste teor. No começo da l. 4, um pequeno rasgo poderá ser o que resta do Q.

Demora-se Fragoso de Lima no estudo minucioso deste monumento, na verdade o único sobre que tece inúmeras considerações quanto ao texto (seu conteúdo e grafia das palavras) e quanto ao significado da decoração (interpreta, porém, o jarro como sendo uma “figura toscamente esculpida de mulher”...).

A fórmula *qui* (ou *quae*) *vixit annis* não é muito frequente: na epigrafia do *conventus Pacensis* apenas se registou, até agora, três vezes (cf. IRCP, 884), uma das quais em Baleizão (IRCP 314), muito perto de Moura, portanto, também referente a uma mulher e também com a grafia QVE (em vez de QVAE). A grafia *xs* por *x* é, comparativamente, mais corrente, inclusive nesta forma verbal: detectei quatro exemplos na epigrafia do *conventus*, três dos quais no aro de Beja (IRCP 266, 311 e 335), sendo curioso verificar que, no primeiro deles (IRCP 266), a fórmula final aparece sincopada como aqui. A idade da defunta estará, decerto, arredondada em lustros, como é vulgar. O dedicante preferiu o anonimato futuro e apenas se identifica como *maritus*, circunstância que pela primeira vez surge na epigrafia do *conventus* e que também se não registará facilmente na Península Ibérica, se atendermos a que a observação das inscrições nºs 4451-4475 das ILER, em que o dedicante se identifica como *maritus*, sugere que esse vocábulo é sempre o aposto do respectivo nome. Raro é igualmente o uso da forma PONIT, no presente: de semelhante, na Península, só encontro *pono*, que figura num ex-voto de Soure (CIL II 363=ILER 948).

Pela decoração, o monumento aproxima-se, pois, do requinte patente na estela

de Modesta (nº 2); pelo formulário, enquadra-se na epigrafia de Pax Iulia; pela originalidade do conjunto, revela influências estranhas à região. Não admiraria, por consequência, que a onomástica da defunta fosse também ela alheia à Península.

Não dispomos de elementos susceptíveis de validar uma proposta de datação. No entanto, a menção da idade e a presença da fórmula S. T. L., aliadas à simplicidade com que o dedicante se identifica, sugerem os finais do século I.

7

Ara funerária, de mármore de Trigaches, achada na Rua da República, em Moura, quando, em 1983, se abriam as fundações para um posto transformador. Foi guardada no museu municipal (Nº de inventário geral: 171/ EPI 4; peça 13 do núcleo romano).

Com escoriações várias aqui e além, está trabalhada nas quatro faces. O capitel teve toros, de que só resta o do lado esquerdo, e fastígio triangular, sobre um plinto. A molduração que separa o fuste do capitel parece constituída por uma ranhura seguida de escócia directa e dois filetes directos.

A inscrição, muito apagada, ocupa, na face dianteira do fuste, um campo epigráfico limitado por ranhura, mas as duas linhas finais foram gravadas fora dele. Do lado esquerdo do fuste, há, em baixo-relevo, um jarro (27x11,8), para a direita; boca em forma de bico; asa direita, de cauda breve, a cair em cima da boca (poderá ter querido figurar uma serpente a beber...); colo longo e rectangular; bojo circular; pé desfeito. Do lado direito, em baixo-relevo também mas muito gasta, a pátera, bastante desgastada já, (diâmetro exterior=15, altura total=32), *umbo* central côncavo, cabo para baixo dotado de pega na extremidade.

A molduração da base constava, verosimilmente, de duas gargantas reversas separadas por ranhura.

Dimensões: 122x58/49/59x30/25/33.

Campo epigráfico: 41,5x31.

D(is) [M(anibus) S(acrum)] / C[...]/A[...]/[...]⁵ C[...]/[...]/ POSVI / H(ic) S(itus),
a) E(st) S(it) [T(ibi) T(erra) L(evis)]

Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz ... Eu... pus. Que a terra te seja leve.

Altura das letras: l. 2: 3,7; l. 3: 3; l. 4: ?; l. 5: 3,5; l. 6: ?; l. 7 e 8: 3. Espaços: 1 a 6: ?; 7 e 8: 1; 9: 0.

"Diário do Alentejo", de 27.05.83.

A superfície epigrafada encontra-se, de facto, muito gasta, de forma que as letras indicadas mais se intuem do que se lêem. Na penúltima linha, o P mal se distingue e não parece haver o T final da comum forma POSVIT; como, porém, na inscrição 4, se usou a primeira pessoa, pode acontecer que também aqui isso se verifique. Transcreve-se parte da fórmula final entre parênteses rectos, mas com determinada iluminação foi possível identificar traços passíveis de pertencerem às letras em falta.

Tratar-se-ia, portanto, de um epitáfio que conteria a invocação aos deuses Manes, a identificação e idade do defunto, o nome do dedicante seguido das fórmulas finais em uso na epigrafia de Pax Iulia. Não nos repugnaria, conseqüentemente, de o atribuímos aos finais do século I da nossa era.

8

Ara funerária, de mármore do tipo Estremoz/Vila Viçosa, encontrada na Zambujeira, freguesia de Santo Aleixo, ora depositada no museu municipal (Nº de inventário geral: 170/EPI 3; peça 12 do núcleo romano).

Trabalhada nas quatro faces, tem capitel muito danificado e está partida obliquamente quase segundo a diagonal do canto superior direito ao canto inferior esquerdo. A cavidade que existe na parte superior poderá ter pertencido ao fôculo; pouco se percebe da molduração que separava o capitel do fuste (dois bocéis reversos?).

A inscrição, muito gasta, ocupa um campo epigráfico limitado por ranhura não inteiramente rectilínea. Do lado esquerdo do fuste há, em baixo-relevo, um jarro (26x13,7), para a direita; boca horizontal em forma de bico de pato, asa arqueada (com cauda breve?) que pega no prolongamento da boca, colo curto e largo, bojo circular, pé trapezoidal sensivelmente do mesmo tamanho que o colo. Do lado direito, em baixo-relevo também, a pátera, representada por uma coroa circular de 3 cm de largo (diâmetro exterior=16,5), cabo para baixo já gasto (comprimento total conservado da pátera, 22,5).

A moldura da base é constituída por garganta reversa seguida de gola reversa.

Dimensões: 87x41/51x31,5/26/33.

Campo epigráfico: 27,5x31.

D(is) [M(anibus) S(acrum)] / D[...]IV[S?] / PRI[...] / ANN(orum) [...] / ⁵H(ic) [S(itus),
a) E(st) S(it) T(ibi) . T(erra) . L(evis)

Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz [nome do defunto, idade ...]. Que a terra te seja leve.

Altura das letras: l. 1: 2,7; l. 2 a 4: 3; l. 5: 2,5. Espaços: 1: 1; 2 a 5: 2; 6: 6.

Lima 1951, 207. Lima 1981, 363-366 e 427.

Paginação com alinhamento à esquerda, de caracteres actuários bastante espaçados entre si. A pontuação visível na última linha é em forma de pequeno traço vertical.

A face epigrafada encontra-se, efectivamente, demasiado gasta para que se possa aventurar uma hipótese com um mínimo de segurança. O D inicial lê-se bem, de modo que é viável reconstituir o resto da invocação aos deuses Manes; do M, aliás, observa-se a primeira perna. Parece-me um D a letra do início da l. 2; um l e um V (mais curto) no final também se me afiguram legíveis. Na l. 3, é claro um P (aberto), o R e o l igualmente se poderão reconstituir: estaríamos, verosimilmente, perante o cognome do defunto (PRIMVS?...). Na l. 4, um A (sem barra, grafado como Λ) seguido de um N será, decerto, a indicação da idade, precedida (ou não) de VIX(it) na linha anterior: o numeral ocuparia o resto da linha. Na l.5, um H (muito aberto, como me parecem ser todas as letras da epígrafe) precederá o S e o E, de que se nota a metade inferior junto à fractura; há espaço para o S, que já se não distingue, os TT dispõem de barras muito compridas mas de traçado fino com levíssimos apêndices nos vértices; o L, de barra inclinada, está pouco perceptível.

Um epitáfio datável, portanto, do século II. Se considerássemos o D da l. 2 como a sigla do *praenomen* *Decimus*, o defunto seria do sexo masculino, identificado com os *tria nomina*, pois que no resto da linha se encontraria o *nomen* (a eventual terminação em *-ius* confirmaria esta hipótese) e o *cognomen* na l. 3. No entanto, um gentílico como DOMITIVS não é sugestão desprezável, considerando-se, nesse caso, a omissão do *praenomen*.

9

Cupa funerária, de mármore de Trigaches, que foi reutilizada como peso de lagar, o que muito a danificou (12). Procede de Montes Juntos, freguesia de Santo Agostinho. Integra a colecção do museu municipal (Nº de inventário geral: 205/EPI 8; peça 68 do núcleo romano).

São ainda visíveis trechos da representação, em relevo, de dois aros de aduelas triplos. Não há qualquer vestígio sequer do campo epigráfico.

Dimensões máximas conservadas: 82,7 de altura, 64 de diâmetro.

As cupas - designação dada a estas peças em forma de pipa - são os monumentos funerários mais abundantes na epigrafia romana de Beja. Tinham, geralmente, soco que assentava sobre um plinto em que estavam encerradas as cinzas do morto. Foram usadas, de modo particular, por gentes de ascendência alheia ao território (13).

2. A população de Moura romana

Doutras epígrafes há, como assinaei na nota 2, vagas notícias que não pude confirmar: é o caso, por exemplo, da inscrição de S. Cristóvão, local donde teria procedido também um *dolium* com inscrição em letra cursiva (cf. Lima 1981, 399). Isso confirma, aliás, a necessidade de se refazer cuidadosamente a carta arqueológica do concelho.

São poucos, no entanto, os monumentos epigráficos identificados, se tivermos em conta a densidade da ocupação do território mourense ao tempo dos Romanos revelada pela abundância de vestígios arqueológicos. As conclusões serão, conseguintemente, provisórias.

E uma primeira conclusão diz respeito à ausência de inscrições votivas: dá impressão que os cultos urbanos monopolizaram a devoção dos habitantes. Até ao momento, nem sequer uma árula para colocar em doméstico larário se encontrou.

Um segundo aspecto ressalta da epigrafia existente: a população que a mandou fazer estava bem dentro das fórmulas e dos preceitos rituais romanos. Tivemos ocasião de assinalar o inusitado de muitas das expressões utilizadas e a decoração dos monumentos aponta para um certo requinte formal não despreciando.

Finalmente, a dependência de oficinas epigráficas existentes na cidade de Pax lulia parece estar bem documentada.

Em suma, se persistiu a população indígena - como o prova a estela de *Aleonicus* (nº 3) - o certo é que a maioria dos habitantes de Moura romana provém do exterior, muito provavelmente daquele estrato itálico, de cidadãos romanos, que veio habitar a cidade de Pax lulia aquando da sua fundação. E seja-me permitido realçar, mais uma vez, a importância de que, a este propósito, se reveste a ara dedicada à pacense Asínia Priscila (nº 1).

NOTAS

- (1) Essa mesa-redonda, organizada pela Maison des Pays Ibériques teve como tema "Les villes de Lusitanie romaine: hiérarchies et territoires". Dentre as comunicações apresentadas, salientem-se, como interessando de modo particular este assunto, a de Jorge de Alarcão, *Identificação das cidades-capitais da Lusitânia portuguesa e dos seus territórios*, e a de Pierre Sillières, *Voies romaines et limites de provinces et de cités en Lusitanie*.
- (2) Vejam-se, como exemplo, os seus dois trabalhos de maior fôlego nesse domínio, o de 1951 e o de 1988 (a tese de licenciatura, defendida em 1942, de que o artigo citado constitui parte integrante).

O facto de aí ajuntar também, no mesmo capítulo, vestígios detectados no vizinho concelho de Serpa tem levado a algumas confusões. Assim, a maior parte das inscrições citadas por Fragoso de Lima (1988, 84-86) provêm desse último concelho e inclusive a árlua a Mercúrio (1988, 79-80) é de Belmeque, hoje pertencente a Serpa.

Ao referir, por exemplo, os achados feitos na Herdade da Tapada, escreve: "Entre estes vi um ladrilho com fragmentos de inscrição com ornamentação" (1988, 87).

Sob o título "Santo Amador" (1988, 73), insere o epitáfio de Modesta e, logo em seguida, transcreve um passo das Memórias Paroquiais de 1758 referido por Pedro A. de Azevedo (1896, 192) onde se dá conta de que, na parte de fora da igreja de S. Aleixo da Restauração (que já não é, portanto, freguesia de Santo Amador), havia "uma pedra quadrada que mostra ser princípio de coluna" - proveniente de Vilar da Poupana, "junto a Vale de Paraíso, onde se têm descoberto alguns edifícios" - que ostentava "cinco letras grandes" "que bem se conhecem": LVLVS. Pois não consta no texto que Fragoso de Lima tivesse ido confirmar não só a natureza dos tais "edifícios" como também se a inscrição - eventualmente romana - ainda ali permanecia.

Quando alude ao miliário da Coroada (freguesia de Sobral da Adiça), afirma apenas: "Ainda mostra restos de inscrição, mas os séculos e as mutilações, de parceria com o nascimento de musgos, tornaram o letreiro indecifrável"; e, mais adiante: "Informe-me ultimamente o Dr. Joaquim Raposo que viu quatro marcos iguais também com letras algo apagadas entre a Coroada e o Monte de José Navas" (1988, 73).

- (3) Desse trabalho conjunto viria Olívio Caeiro a publicar a nota *Inscrição romana do Monte Branco (Nº 2) - Serpa*, "Arqueologia" 11 (Junho 1985), 119-120.
- (4) Excluem-se, portanto, deste catálogo, os monumentos achados fora do território actual do concelho de Moura. Refiro-me, de modo particular, à árlua dedicada a Mercúrio, que proveio de Belmeque, povoação outrora integrada neste concelho mas que hoje pertence à freguesia de Vale de Vargo (Serpa); e à placa em honra de Agripina (CIL II 963) que veio da serra de Aroche, localidade em cujas proximidades se deverá situar, por isso, a *civitas Aruccitan* promotora da homenagem. Esta última epígrafe merece, porém, pela sua importância, uma análise à parte, que vai ser

publicada na revista "Conimbriga".

Aproveito o ensejo para agradecer à Câmara Municipal de Moura, nas pessoas do seu presidente e do Dr. Santiago Macias, as facilidades concedidas para este trabalho; e a Guilherme Cardoso, que fez comigo o levantamento fotográfico de todas as epígrafes.

- (5) Aelia Priscilla, em Astorga (ILER 5611); Postumia Priscilla, em Benavente, Espanha (CIL II 5074=4583, ILER 3358=6123); e Atilia Priscilla, em Arraiolos (IRCP 435).
- (6) L. Curchin, ao enumerar os epítetos familiares documentados na epigrafia da Hispânia (1982), nem sequer lhe faz referência. Aos citados exemplos, poderemos acrescentar: *uxor rarissima* (CIL II 2996) e *uxor rarissimi exempli* (CIL II 4146).
- (7) Maura, que surge em ILER 3766 como proveniência desta inscrição, é gralha tipográfica por Moura.
- (8) Almeida, 1956, 223 nº 130.
- (9) Albertos, 1972, s. v. "Aleoni".
- (10) Albertos, 1966, 17 (s. v. "Alionius").
- (11) De resto, quatro dos oito *Silvini* aí referidos ocuparam cargos de certa monta: L. Calpurnius Silvinus chegou a *pontifex domus augustae* (ILER 210); Sextus Curvius Silvinus, questor propretor, assinou pacto de hospitalidade com o senado e o povo de Munigua (ILER 5831); L. Flavius Silvinus foi "sevirum magister Larum augustalis" (ILER 5570); M. Titius Silvinus pagou em Granada a estátua equestre dum seu familiar (ILER 1715 e Pastor 1988, 109-111). Pastor Muñoz e Angela Mendoza (1988, 111) chegam a falar da "família dos SILVINI, de que se conhecem alguns membros também por outras inscrições de Granada" e aludem expressamente a um Tenatius Silvinus que desempenhou "o cargo de *magister da societas encarregada da cobrança do imposto chamado portorium em Iliberris*" (CIL II 5064, retomada por esses autores sob o nº 80, p. 153-155).
- (12) A reutilização de cupas como pesos de lagar é frequente: cf. um outro exemplo em ENCARNAÇÃO (José d'), *Monumento funerário posto a descoberto em Santa Margarida do Sado (Ferreira do Alentejo)*, "Anais da Real Sociedade Arqueológica Lusitana" 2ª série, 1, 1987, 29-36 (sobretudo p. 35-36).
- (13) Apesar da forma de pipa, crê-se que a utilização deste tipo de monumento funerário nada tem que ver com o vinho ou com o eventual culto a uma divindade do vinho como Díónis ou Baco. Trata-se, muito provavelmente, de um "estilo" arquitectónico que, procurando imitar em ponto pequeno os grandes mausoléus, assumiu formas regionalizadas: na costa algarvia, as cupas são cilíndricas e lisas com o epitáfio junto dum dos topos; na área rural de Olisipo, são lisas também mas a inscrição já figura no topo; na zona de Beja e Mértola são pipas com a representação em relevo dos aros das aduelas... Cf., a este propósito, a síntese, com mais bibliografia, que incluí nas IRCP, 825-826.

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de 1985, *Sobre a romanização do Alentejo e do Algarve - A propósito de uma obra de José d'Encarnação*, "Arqueologia", 11, pp. 99-111.
- ALBERTOS, M. L. 1966, *La Onomastica Primitiva de Hispania, Tarraconense y Betica*, Salamanca.
- ALBERTOS, M. L. 1972, *Nuevos Antroponimos Hispanicos*, "Emerita", 40, pp. 1-29.
- ALFENIM, Rafael A. E. 1988, *Uma ara funerária do Castro dos Ratinhos (Moura)*, "Ficheiro Epigráfico", 26, nº 118.
- ALFENIM, Rafael A. E. 1988, *O epitáfio de Comarius, de Moura*, "Ficheiro Epigráfico", 26, nº 119. [Com este artigo e o anterior se fez a separata *Duas inscrições romanas de Moura*, editada pela Câmara Municipal].
- ALMEIDA, Fernando de 1956, *Egitânia, História e Arqueologia*, Lisboa.
- AZEVEDO, Pedro A. 1896, *Extractos arqueológicos das "Memórias parochiaes de 1758"*, "O Archeologo Portuguez", 2, pp. 177-192.
- CABRAL, Luís d'Almeida 1770, *História da Notável Vila de Moura* (manuscrito 151 da Biblioteca da Universidade de Coimbra).
- CURCHIN, Leonard A. 1982, *Familial Epithets in the Epigraphy of Roman Spain*, "Mélanges Étienne Gareau", pp. 179-182.
- ENCARNAÇÃO, José d' 1984, *Inscrições romanas do conventus Pacensis*, Coimbra, (=IRCP).
- GARCÍA IGLÉSÍAS, L. 1972, *El Guadiana y los limites comunes de Bética y Lusitania*, "Hispania Antiqua", 2, pp. 165-177.
- HÜBNER, E. 1869 e 1892 (suplemento), *Corpus Inscriptionum Latinarum*, Berlim.
- ILER - vide VIVES. [O número indica o número da inscrição].
- IRCP - vide ENCARNAÇÃO. [O número indica o número da inscrição; quando há vírgula após as siglas, o número indica a página].
- LIMA, J. Fragoso de 1947, *Estação romana da Tapada (Moura, Alentejo)*, separata do "Jornal de Moura", nºs 912 a 915, de 1946, Moura.
- LIMA, J. Fragoso de 1951, *Aspectos da romanização do território português da Bética*, "O Archeólogo Português" n. s., 1, pp. 171-211.
- LIMA, J. Fragoso de 1981, *Elementos históricos e arqueológicos do concelho de Moura*, Moura.
- LIMA, J. Fragoso de 1988, *Monografia arqueológica do concelho de Moura*, Moura.
- PASTOR MUÑOZ, Mauricio e MENDOZA EGUARAS, Angela 1988, *Inscripciones latinas de la provincia de Granada*, Granada.
- SILES, Jaime 1980, *Una nueva inscripción latina de Carbajales de Alba (Zamora), con nombres prerromanos*, "Studia Zamorensia", 1, pp. 35-42.
- SIMÕES, Augusto Fillipe 1869, *Relatório à cerca da renovação do Museu Cenáculo*, Évora.
- VIVES, José 1971 e 1972, *Inscripciones latinas de la España Romana*, Barcelona, (=ILER).